

# Uma nova gramática filosófica – sobre as relações entre a linguagem filosófica e seus impasses segundo Hegel

*A new philosophic grammar – the relations between the philosophic language and its impasses according to Hegel*

Ronaldo Manzi Filho \*

---

**RESUMO:** O que seria um pensar que vê como tarefa filosófica questionar os pressupostos da sua própria gramática? O que pensar de uma língua que não consegue definir seus termos ou que, quando questiona a si, só entra em impasses? Ou de um pensar que, ao tentar se apreender, modifica suas próprias categorias? Diante destas questões, pretendo mostrar como Hegel impõe uma tarefa à filosofia: a constituição de uma “gramática filosófica reconfigurada”. Nesse sentido, nosso foco central será: o que significa re-elaborar as categorias tradicionais da metafísica?

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática Filosófica. Finitude. Infinitude. Conceito.

**ABSTRACT:** What would be a thought that conceives its philosophical task to question the assumptions of its own grammar? What think about a language that can't define its own terms or that, when controversial itself, goes into impasses? Or of a thought that, when tries to apprehend itself, changes its own categories? Front of these questions, I pretend to show how Hegel imposes a task to the philosophy: the constitution of a “reconfigured philosophical grammar”. In this sense, our focal point will be: what means to reshape the traditional categories of metaphysics?

**KEYWORDS:** Philosophical Grammar. Finite. Infinite. Concept.

---

Nas primeiras linhas da *Wissenschaft der Logik* nos deparamos com acusações que, a primeira vista, poderiam parecer “errar o alvo”, levando em conta que se dirigem como o próprio Hegel afirma, “ao ponto mais alto que o espírito alcançou”<sup>1</sup>.

Lemos, por exemplo, que o kantismo seria o ensino popular esotérico que apenas geraria fantasias no cérebro, renunciando ao pensamento especulativo<sup>2</sup>, que demanda uma atenção imediata,

---

\* Graduando em Filosofia – USP – Bolsista CNPq - Contato: manzifilho@hotmail.com

<sup>1</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 35.

<sup>2</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 36.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p.28-47
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

pois não toca na estrutura da lógica<sup>3</sup>. Nada, aparentemente, mais estranho se lembrarmos como um dos objetivos de Kant era exatamente “reformular” a lógica, assegurar ao sujeito um modo seguro de guiar-se nos julgamentos e valores morais. Aliás, por que críticas tão severas à realização mais alta do Espírito?

Habermas parece-me certo ao afirmar que a crítica hegeliana à modernidade deve-se porque “ele [Kant] pôs falsamente o entendimento [Verstand] ou a reflexão no lugar da razão [Vernunft] e, assim, teria elevado algo finito ao estatuto de um absoluto”<sup>4</sup>. Nesse sentido, “a revolução copernicana” seria solidária a “finitude do absoluto” ou, se preferir, a pura “abstração” da Razão.

Essa “revolução” teria levado o mundo moderno, seguindo ainda Habermas, a sofrer “de identidades falsas na vida cotidiana, assim como na filosofia, porque ele [Kant] colocou como absoluto algo que era condicionado”<sup>5</sup>. Essas identidades falsas teria naturalizado o que poderíamos denominar de gramática da finitude, admitindo abertamente que a consciência deve se contentar com ela<sup>6</sup>, sendo “impossível se unificar com o infinito”<sup>7</sup>. Como destacam Doz e Dubarle<sup>8</sup>: “(...) o entendimento faz do finito alguma coisa de não-ultrapassável”, pois não passa ao seu outro: “é assim eterna”<sup>9</sup>.

Mas afinal, o que seria essa “finitude” a qual Hegel se refere? Por que a finitude seria a não-realidade da Verdade<sup>10</sup>?

### A finitude como ideologia

Se admitir que, apenas posso conhecer algo ao determiná-lo, limitá-lo, submetê-lo à condição de objeto finito, é afirmar que apenas conheço aquilo que meu entendimento, a priori, pode submeter

<sup>3</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 35.

<sup>4</sup> HABERMAS Jürgen. Hegel’s Concept of Modernity. In: \_\_\_\_\_. *The Philosophical Discourse of Modernity*. Translated by Frederick G. Lawrwnce. Massachusetts: MIT Press Cambridge, 1993, p. 24.

<sup>5</sup> HABERMAS Jürgen. Hegel’s Concept of Modernity. In: \_\_\_\_\_. *The Philosophical Discourse of Modernity*. Translated by Frederick G. Lawrwnce. Massachusetts: MIT Press Cambridge, 1993, p. 33.

<sup>6</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 61.

<sup>7</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 167.

<sup>8</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 42.

<sup>9</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 167.

<sup>10</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 50.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

ou limitar e não o que a coisa é realmente. Como se fosse possível assegurar as regras do pensar correto sem que, na reflexão desse “assegurar”, estivesse em questão a referência ao que é pensado<sup>11</sup>.

O objeto próprio do pensar seria o finito, sendo assim, o que deveria ser refletido é o modo de apreender esse finito, pois “o pensar é suposto adaptar e acomodar a si ao objeto”<sup>12</sup>. Essa posição, que exclui, a priori, o conhecer uma coisa-em-si, capaz apenas de uma “verdade subjetiva”, parece tão absurda a Hegel, como se atribuísse a alguém o critério correto, sendo esse critério incapaz de abranger algo de verdadeiro<sup>13</sup> ou que tal critério se comporta de um modo carente de verdade<sup>14</sup>.

É nesse sentido que, como diz Safatle, “de certa forma, o finito é, para Hegel, apenas um erro gramatical resultante da hipótese de um entendimento que: ‘tem o costume de parar o exame das significações antes de ser forçado a efetuar identificações que, do ponto de vista representativo, seriam dementes’ [Hegel]”<sup>15</sup>. Seriam dementes porque fariam do “poder” da razão o “poder” de determinar aquilo que, a priori, foi excluído, ou seja, a gramática da finitude seria, no fundo, uma perspectiva externalista de compreensão da relação entre linguagem e mundo<sup>16</sup>. Uma exterioridade que poderia ser estando entre a verdadeira natureza íntima do espírito do mundo e o modo que o entendimento apreende os objetos finitos.

Poderíamos dizer de outro modo, segundo Lebrun que essa gramática da finitude, “antes de ser um erro de fato, é responsável por uma ideologia”<sup>17</sup>. Ou seja, antes mesmo de ser um erro gramatical, ela naturalizaria o modo de pensar, o qual não questiona seus pressupostos e até mesmo seus (supostos) limites, guiando-se por critérios de determinação do sentido de operações.

Desse modo, a gramática filosófica – sintaxe do pensar naturalizada – seria ideológica, na medida em que agiríamos como se o objeto natural do conhecer humano fosse o finito (aquilo que pode ser determinado de modo unívoco), sem que isso fosse algo questionável.

É ideológico na medida em que o saber e os modos de orientação da práxis naturalizam seus dispositivos de justificação. Trata-se do “bem-conhecido em geral”, como diz Hegel, e que,

<sup>11</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 57.

<sup>12</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 59.

<sup>13</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 62.

<sup>14</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 172.

<sup>15</sup> Notas de aula do curso ministrado pelo prof. Dr. Vladimir Safatle na USP, 2005.

<sup>16</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 48. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000, § 66.

<sup>17</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 77.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

“justamente por ser bem-conhecido, não é reconhecido. É o modo mais habitual de enganar-se e de enganar os outros: pressupor no conhecimento algo como já conhecido e deixa-lo tal como está”<sup>18</sup>.

Por isso Hegel age como se afirmasse: se o objeto finito é o objeto natural do conhecer, se isso é verdade, então o dado mais simples para determinação de algo deve ser evidente, claro e seguro. Deve ser assim evidente como a categoria mais imediata ao pensar limita o ser enquanto tal, o qualificando de modo imediato enquanto puro ser sem outra determinação.

Mas o que se afirma quando se diz que algo é? Seria uma tautologia, nos debruçarmos sob essa afirmação para definir, por exemplo, o que se entende por “Ser”? Ou seja, no próprio conceito de “Ser” haveria impossibilidade de se passar no seu “oposto” por uma exclusão lógica já assegurada desde Aristóteles?

Ainda em outras palavras: essas categorias seriam tão óbvias, uma “aquisição” cultural de tal monta da civilização, que um questionamento sobre elas seria como questionar o que todos tomamos como legitimações/validações do nosso pensar e/ou agir? Aliás, o próprio fato da lógica não ter nem retrocedido, nem avançado um passo, desde Aristóteles, já não seria um fato para se pensar numa re-elaboração<sup>19</sup>? Vale sermos mais precisos:

haveria verdadeiramente escândalo no fato de que os opostos parecerem não se excluïrem? E, no lugar de se esforçar em mostrar a todo o preço que essa oposição é ilusória, não valeria mais a pena reexaminar como funciona a oposição? É necessário que os opostos sejam absolutamente, a priori, separados e invariáveis?<sup>20</sup>

Por esse caminho é que devemos compreender como a tarefa da filosofia por excelência, segundo Hegel, seria partir do uso ordinário da gramática da finitude e lhe por à prova: será que, nesse movimento, aquilo que era pressuposto como verdadeiro se sustenta?

### Para além de uma lógica da finitude

Ao compreender que a categoria “ser”, esta pura indeterminação, esta simples igualdade consigo mesma, é, na realidade, o mesmo que um puro nada vazio de determinação. Podemos nos perguntar: como algo que é indeterminado “serve” para determinar os seres? Estaríamos afirmando que um “(...) ato de fala que se desconhece enquanto tal, já que a consciência crê servir-se da linguagem para descrever uma realidade imediata e não-problematizada ou por uma certeza

<sup>18</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000, § 31.

<sup>19</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 68.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

imane”<sup>21</sup>, mas que demonstra um fracasso constitutivo no momento da auto-apreensão de si. Ou seja, sua verdade surge apenas no passar ao seu oposto e, mostra-se, assim, como a mais abstrata, quando pretende ser a mais imediata. É preciso assim, seguindo Lebrun, “(...) tratar [a analítica transcendental] como uma linguagem que é possível dispensar. E, com efeito, colocar à luz a axiomática que o idealismo continua a aceitar implicitamente: a lógica da finitude”<sup>22</sup>.

Por isso é fundamental mostrar de que maneira Hegel objetiva apreender o sentido das categorias lógicas, o qual depende toda gramática filosófica e que, nesse movimento de apreensão, o que Hegel denomina de “Espírito” modifica aquilo que lhe era evidente. Interessa mostrar assim, que se as representações naturais são colocadas em dúvida, não se modificará somente nossa forma de pensar, mas até nossa dimensão da práxis (o que podemos denominar de “formas de vida”) que, aos seus olhos, não é independente da metafísica.

Poderíamos, desta maneira, nos perguntar: o que seria um pensar que vê como tarefa filosófica questionar os pressupostos da sua própria gramática? O que pensar de uma língua que não consegue definir seus termos? Ou que quando questiona a si, somente entra em impasses? Ou ainda, de um pensar que modifica ao tentar apreender suas próprias categorias? Nesse sentido, o que significa reelaborar as categorias tradicionais da metafísica?

### O trabalho da lógica – uma “guerra contra a sintaxe”

À primeira vista, parece que o objetivo de Hegel poderia ser de, simplesmente, modificar as categorias lógicas tradicionais. Ora, se a categoria “ser”, a mais imediata, já nos mostra impasses, porque não pensarmos em outras categorias?

Aos olhos de Hegel, criar uma nova categoria lógica seria como criar uma abstração: criar algo que não é concreto ao pensar, que não é partilhado/legitimado pelo “espaço social”. Koyré talvez seja quem destaca isso melhor. Lembremo-nos do seu famoso texto sobre a terminologia hegeliana, onde ele começa expondo a dificuldade de ler e compreender o trabalho de Hegel por parecer ser totalmente “estrangeiro” ao modo tradicional de “escrita” filosófica. Diante dista, ele logo acrescenta: “mas as censuras de falar uma língua artificial e abstrata, de usar uma terminologia arbitrária seriam

<sup>20</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 314.

<sup>21</sup> SAFATLE, Vladimir. “Linguagem e negação: sobre as relações entre pragmática e ontologia em Hegel”. *Dois Pontos*. São Carlos: vol. 3, n 1, abril, 2006, p. 121.

<sup>22</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 314.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

impróprias: Hegel, com efeito, tinha consciência de jamais ter feito tal; ele tinha a pretensão, curiosa, mas real, de reagir contra o abuso da terminologia abstrata”<sup>23</sup>.

Koyré é preciso ao nos mostrar como, para Hegel, as categorias lógicas tais como Ser, Nada, Devir, Um, Múltiplo etc, seriam “suficientes” à metafísica, isso porque, na verdade, a questão não está em torno de “suficiência” ou “insuficiência” das categorias ou de um problema apologético, mas de questionar o modo como essas categorias são compreendidas. O trabalho da lógica seria, assim, de “clarificar as categorias”<sup>24</sup> que, uma vez naturalizadas, parecem por si mesmas claras e inquestionáveis<sup>25</sup>.

Com isso não se nega simplesmente o “trabalho histórico” da razão<sup>26</sup> e nem, por outro lado, toma um conceito “(...) em razão de sua eternidade e de sua não-temporalidade pretensa, conceitos que encarnariam num mesmo golpe suas próprias generalidades conceituais”<sup>27</sup>.

É preciso passar de uma categoria a outra, compreender suas relações internas, seu conceito concreto, ou seja, colocar a linguagem em movimento, porque a fixidez da gramática seria como uma fixidez do espírito. Hegel insiste que, se se ignora o movimento do conceito, então seu sentido seria certamente inteligível. Nesse sentido,

o conceito é um operador performativo no sentido daquilo que instaura um processo, no interior do campo da experiência da consciência, capaz de produzir modificações estruturais na apreensão do mundo posto seja pela certeza sensível, seja pela percepção, seja pelo entendimento. Hegel diz claramente que o conceito cria, e isto em vários momentos da Ciência da Lógica. Ele divide o que parecia indivisível (crítica ao princípio de identidade) e unifica o que parecia oposto (através da internalização de negações)<sup>28</sup>.

Mas a passagem de uma categoria à outra não significa, simplesmente, dizer que as categorias lógicas tradicionais trazem nelas mesmas certa ambiguidade ou que ela é precária ou insuficiente. O conceito só pode ser apreendido em seu movimento, pois nenhuma categoria fixa apreende totalmente aquilo que é da ordem do conceito. Os diferentes momentos “ultrapassados”, “superados” ou “negados” não são, simplesmente, deixados de lado, eles fazem parte da expressão do conceito. Estão

<sup>23</sup> KOYRÉ, Alexandre. “Notes sur la Langue et la Terminologie Hégéliennes”. In: \_\_\_\_\_. *Études d’Histoire de la Pensée Philosophique*. Paris: Galimard, 1971, p. 193.

<sup>24</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 49.

<sup>25</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 44.

<sup>26</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 218.

<sup>27</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 41.

<sup>28</sup> SAFATLE, Vladimir. “Linguagem e negação: sobre as relações entre pragmática e ontologia em Hegel”. *Dois Pontos*. São Carlos: vol. 3, n1, abril, 2006, p. 117.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

em relação ao “ultrapassado”, “superado” ou “negado” a ele, seus momentos de verdade são exatamente o fato de levar o pensar a ser “ultrapassado”. Nas palavras de Doz e Dubarle:

Hegel tentou transformar numa compreensão concreta do absoluto, comportando, pelo interior de si mesmo, o que pode fazer emergir nele a pluralidade sem mais deixar nenhuma exterioridade que não seja reduzido ao conceito, como é o caso com o discurso da filosofia clássica<sup>29</sup>.

Nesse sentido, o fracasso na inadequação entre conceito/objeto da experiência, “(...) entre expectativas organizadoras do conceito e resistência do objeto”<sup>30</sup> é o próprio motor desta reconstrução da gramática filosófica a tal ponto, que é possível dizer que seu leitmotiv poderia ser colocado, como diz Lebrun, como uma “guerra contra a sintaxe”<sup>31</sup>. Ou seja: o objeto da ciência da lógica é, no fundo, descrever a dissolução das categorias que orientam o pensamento limitado da finitude do entendimento como nos confirma novamente Lebrun:

ora a especulação nos arranca justamente da falsa segurança dos dicionários representativos; não é um catálogo de noções novas ou corrigidas que ela exige redigir; ela visa, ao contrário, a *dissolver todas as categorias finitas que os dicionários encerram*. Ela não pretende oferecer ao entendimento cultivado, noções então que enfim ele poderia se satisfazer, mas, em relação a cada noção recebida, lhe fazer lentamente aparecer a fragilidade do modo que ele a compreendia, do fato que ele a compreendia<sup>32</sup>.

É nesse sentido que podemos compreender a postura de Hegel; não é preciso criar uma língua filosófica nova<sup>33</sup>: é preciso usar nossa linguagem corrente, viva, legitimada e partilhada na sociedade. Como nos diz ainda Koyré: “ele busca revivificar os tesouros escondidos da língua; ele busca atualizar, sintetizar, integrar [por em relação] o trabalho histórico da razão que ela encarna”<sup>34</sup>. Seria, assim, preciso expor a contradição no interior da gramática da finitude, colocando em questão as bases dessa gramática que sustenta não só o pensar natural como suas justificativas. Esta passagem de Hegel é ilustrativa nesse sentido:

<sup>29</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 75.

<sup>30</sup> SAFATLE, Vladimir. “Linguagem e negação: sobre as relações entre pragmática e ontologia em Hegel”. *Dois Pontos*. São Carlos: vol. 3, n 1, abril, 2006, p. 116.

<sup>31</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 218.

<sup>32</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 114, grifo meu.

<sup>33</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 43.

<sup>34</sup> KOYRÉ, Alexandre. “Notes sur la Langue et la Terminologie Hégéliennes”. In: \_\_\_\_\_. *Études d’Histoire de la Pensée Philosophique*. Paris: Galimard, 1971, p. 196.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

a filosofia tem o direito, a partir da linguagem da vida ordinária, que é feita para o mundo das representações, de escolher as expressões que *parecem se aproximarem* das determinações do conceito. Não se pode, por essa razão, ser questão, para uma palavra escolhida a partir da linguagem da vida ordinária, de *provar* que na vida ordinária igualmente se liga a ela mesma o mesmo conceito pela qual a filosofia utiliza; pois a vida ordinária não tem conceito, mas representações, e é a filosofia mesma que conhece o conceito daquilo que, por outro lado, é simples representação<sup>35</sup>.

Mas ao buscar na “linguagem viva” seu tesouro, Hegel estaria assim afirmando que no uso ordinário da linguagem, estaríamos nos apoiando, mesmo que implicitamente, numa metafísica? Estar-se-ia afirmando que as dimensões da vida social não seriam independentes dela? Ou que seria aí onde ela operaria: não haveria, então, distinção ontológica entre senso comum; linguagem ordinária e lógica metafísica? Ainda, que toda especulação filosófica estaria contida, na experiência histórica de uma civilização?

Leiamos a passagem de Hegel:

é notável quando uma nação se torna indiferente à sua teoria constituinte, aos seus sentimentos nacionais, aos seus costumes éticos e virtudes, e não é certamente menos notável quando uma nação perde sua metafísica, quando o espírito que contempla sua própria essência pura não é mais uma realidade presente na vida da nação<sup>36</sup>.

Não é também notável como podemos pensar, seguindo essas linhas hegelianas, que uma nação porte uma metafísica, ao afirmar, por exemplo, que “a filosofia e o senso comum ordinário assim cooperam em ocasionar a queda da metafísica, vê-se o estranho espetáculo de uma nação culta sem metafísica (...)”<sup>37</sup>? Como compreender isso?

### Forma de vida e forma de pensar – a linguagem do senso-comum

Talvez baste, para isso, pensar como o modo que conhecemos, o modo que tomamos algo como válido ou o modo que justificamos nossas ações é “estruturado” em nosso modo de tomar esses objetos como tal. De um modo mais claro:

<sup>35</sup> HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981, pp. 212-213.

<sup>36</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 35.

<sup>37</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 36.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

as normas que determinam o que conta como correto ou incorreto Hegel denomina conceitos. (...) A descrição da origem, natureza e funcionamento dos conceitos puros do entendimento cuja aplicabilidade está implicitamente em uso em qualquer conceito empírico, é intentado a servir como uma explicação transcendental das condições de fundo em relação à qual cada normatividade em geral é inteligível<sup>38</sup>. [Resumindo:] Estatutos normativos são um tipo de estatuto social<sup>39</sup>.

Não haveria, de tal modo, uma dimensão do discurso filosófico e uma dimensão que fosse imune à metafísica. O senso comum, de certo modo, pensa filosoficamente, tem sua metafísica: quem conhece a gramática de seu idioma, pode sentir o espírito e a cultura de um povo, pois “(...) através da gramática pode-se conhecer em geral a expressão do espírito, isto é, a lógica”<sup>40</sup>.

No fundo, o que Hegel pretende mostrar aqui é que não haveria uma distinção ontológica entre forma de vida e forma de pensar já que, a lógica da finitude teria normalizado certo modo de viver e de compreender as significações. Pinkard explora isso com detalhes:

qualquer forma de vida terá certamente razões que ele toma como legítima/válida [*authoritative*]; na medida em que ele se torna *auto-consciente* sobre esses padrões e normas, ele irá desenvolver razões do que ele *toma* como legítimo/válido para si *realmente* como legítimo/válido. Tornar-se autoconsciente sobre tais normas é se tornar consciente dos aparentes paradoxos, incoerências e conflitos com eles<sup>41</sup>.

Isso é o mesmo que dizer que o lógico está “naturalmente” no homem, operando em suas formas de pensar, agir e de justificar tais formas<sup>42</sup>, apesar do senso comum não ter consciência do seu modo instintivo de pensar, de sua “lógica natural”, “sedimentada”, “naturalizada”, “não questionada”<sup>43</sup>. Quer dizer, o modo que o sujeito age não se diferencia do modo como que ele toma justificável sua ação (é por isso que alguém como Brandom pode denominar essa postura hegeliana como um “pragmatismo semântico”<sup>44</sup>).

Não é por acaso que, se as formas de pensar estão depositadas na linguagem, então o problema de re-elaboração das categorias, seria, em última análise, um problema da gramática filosófica: o modo

<sup>38</sup> BRANDOM, Robert B. “Some Pragmatist Themes in Hegel’s Idealism”. In: \_\_\_\_\_. *Tales of the Mighty Dead – Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. London: Harvard University Press, 2002, pp. 212-213.

<sup>39</sup> BRANDOM, Robert B. “Some Pragmatist Themes in Hegel’s Idealism”. In: \_\_\_\_\_. *Tales of the Mighty Dead – Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. London: Harvard University Press, 2002, p. 216.

<sup>40</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 75.

<sup>41</sup> PINKARD, Terry. *Hegel’s Phenomenology – The Sociality of Reason*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 8.

<sup>42</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 42.

<sup>43</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 46.

<sup>44</sup> BRANDOM, Robert B. “Some Pragmatist Themes in Hegel’s Idealism”. In: \_\_\_\_\_. *Tales of the Mighty Dead – Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. London: Harvard University Press, 2002, p. 220.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

que um povo toma a si para justificar/legitimar suas formas de vida é mediato pelo sujeito que assume uma posição normativa num espaço social.

Nesse ponto, várias foram as filosofias do século XX que debateram esse problema, como, por exemplo, a filosofia deleuziana, para quem a linguagem do senso comum seria o território próprio da naturalização de vários prejuízos metafísicos.

Mas estaríamos, assim, reduzindo qualquer experiência filosófica a um problema filológico? O que seria afinal uma gramática filosófica? Poderíamos resumir dizendo que seria aquilo que se apresenta num dado tempo como evidência do saber filosófico, a consciência tal como se manifesta na época, como se a internalizássemos sem questionar.

### Uma nova gramática filosófica?

Desse modo, a crítica filosófica é solidária aos critérios normativos da própria modernidade, num momento histórico em que os sujeitos socializados colocam para si a fundamentação da razão como problema, uma força de fragilização de visões de mundo, na qual seria preciso instaurar um fundamento num espaço social partilhado que justifique/legitime a práxis às suas formas de vida.

Estaríamos, assim, realizando também uma crítica social, visto que, o espírito é o conjunto de práticas partilhadas socialmente, o reino conceitual que articula normas de legitimação e responsabilidade<sup>45</sup>, onde os problemas, relativos à teoria da linguagem, “(...) determinam a configuração de possibilidades de realização da razão em sua dimensão prática”<sup>46</sup>. Ou, como diz Adorno de modo sintético: “a Lógica de Hegel não é somente sua metafísica, ela é assim sua política”<sup>47</sup>.

Se isso for verdade, compreende-se por que Habermas (1993, p. 43) via na filosofia hegeliana uma necessidade de absolver uma confrontação com a existência decadente da forma de vida social e política, ou por que Pinkard pode dizer que “a natureza de um pensamento tem a ver com suas relações – particularmente, sua normatividade, relações de inferências – com outros pensamentos, e essa própria estrutura normativa é uma característica histórica e social”<sup>48</sup>.

<sup>45</sup> BRANDOM, Robert B. “Some Pragmatist Themes in Hegel’s Idealism”. In: \_\_\_\_\_. *Tales of the Mighty Dead – Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. London: Harvard University Press, 2002, p. 227.

<sup>46</sup> SAFATLE, Vladimir. “Linguagem e negação: sobre as relações entre pragmática e ontologia em Hegel”. *Dois Pontos*. São Carlos: vol. 3, n 1, abril, 2006, p. 118.

<sup>47</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 94.

<sup>48</sup> PINKARD, Terry. *Hegel’s Phenomenology – The Sociality of Reason*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 88.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

Não se trata, como poderia parecer, de pensar que a filosofia instruiria nossas formas de vida, mas que a filosofia parta dessas formas, dos modos que se busca justificar seus princípios, seus impasses, a partir do próprio modo que tomamos como válido/legítimo nossa “gramática do pensar”.

Nesse sentido, Hegel parte do modo de filosofar que nos coloca, no fundo, “em presença de uma linguagem que, dela mesma e por seu funcionamento, coloca em questão a concepção tradicional e difusa do que é a informação dita filosófica”<sup>49</sup>.

Uma informação filosófica que só poderia ser expressa numa linguagem própria ao conceito. Por mais tautológico que isso pareça, deve-se ter em mente que, Hegel não pretendia realizar aquilo que, no século XX, pelas linhas de Canguilhem, se denominou de “ideologia científica”, ou seja, o ato de tomar “emprestado”<sup>50</sup>, os fundamentos de uma ciência já “segura” para uma ciência em construção. Como se fosse mais seguro à filosofia tomar a linguagem matemática para fundamentar sua própria gramática. Ele não está, portanto “medindo” o pensamento com uma incompatibilidade de determinado conteúdo científico<sup>51</sup>.

Na verdade, Hegel nem mesmo discute os métodos científicos “com detalhes”, uma vez que “Hegel não pensa que uma teoria filosófica deveria prescrever aos trabalhadores científicos como seus métodos deveriam ser”<sup>52</sup>. É por isso que “as ciências, nelas mesmas, não seriam então para o Saber um obstáculo a se contornar”<sup>53</sup>.

Isso não é um fato muito óbvio, principalmente diante do progresso científico do Aufklärung, que já fascinara Kant. Por que não seguir o exemplo newtoniano utilizando uma linguagem clara como a matemática? Por que partir de uma linguagem ambígua, como a nossa do senso comum, ou por que, como diz Adorno, um tal Aufklärung, sempre se coloca numa hipóstase<sup>54</sup>?

Doz e Dubarle nos dão uma direção: “Hegel reconhece à linguagem natural o privilégio de uma capacidade perdida com a linguagem matemática de exprimir o pensamento, não somente no seu nível corrente e vulgar, mas no nível elevado da razão, da filosofia e do Conceito”<sup>55</sup>.

Mas, afinal, por que a linguagem matemática restringiria a capacidade do pensar? O que ela teria “perdido”? Por que o ceticismo em vista à linguagem científica<sup>56</sup>? Aliás, se acompanharmos

<sup>49</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 14.

<sup>50</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 70.

<sup>51</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 15.

<sup>52</sup> PINKARD, Terry. *Hegel’s Phenomenology – The Sociality of Reason*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 82.

<sup>53</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 79.

<sup>54</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 109.

<sup>55</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 17.

<sup>56</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 110.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Lebrun, para quem a ideia hegeliana é substituir uma gramática da finitude por uma da infinitude e não traduzir/interpretar a primeira<sup>57</sup>, podemos nos perguntar: a matemática não seria, por excelência, o espaço para se pensar essa “infinitude”? Por que “esta recomendação de que toda a lógica possa se encontrar ensinada mecanicamente pelo cálculo às pessoas não cultas é o pior que se poderia encontrar dito em relação a qual uma invenção concernente à apresentação da ciência lógica”<sup>58</sup>?

### Uma necessidade “anti-matemática”

Começemos lembrando que Hegel é categórico nesse ponto: a filosofia, se ela pretende se tornar uma ciência, não pode tomar emprestada a linguagem de uma ciência subordinada como a matemática<sup>59</sup>. Na verdade, Hegel associa o modo de pensar matemático com a estatismo da lógica desde Aristóteles: determinações imóveis, sem solidez, reduzidas às diferenciações exteriores,

por isso e não sem razão se comparou esse modo de pensar [lógico tradicional] com o cálculo matemático, e esse cálculo se igualou a semelhante modo de pensar. Na aritmética, os números se consideram como algo carente de conceito, algo que, exceto sua igualdade e desigualdade, suas relações inteiramente extrínsecas, não têm nenhuma significação<sup>60</sup>.

Isso porque, como destaca Doz e Dubarle, entre o pensamento matemático e o especulativo, há, segundo Hegel, uma diferença de gênero lógico, um contraste insuperável, pois

a lógica, na medida em que é uma doutrina do pensamento verdadeiramente conceitual, não deve ser matematizada. (...) A lógica tomada absolutamente é de uma natureza toda diferente, dialética e que repugna à matematização. O pensamento especulativo tem então sua própria lógica que, nela mesma, é a-matemática, e isso não seria dizer demasiado que a consciência que ela tem de si comporta qualquer coisa de anti-matemática<sup>61</sup>.

Ou seja, Doz e Dubarle chegam a dizer de uma necessidade anti-matemática. Mas por que Hegel deveria ser radical nesse afastamento com as matemáticas?

<sup>57</sup> LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006, p. 92.

<sup>58</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 182.

<sup>59</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 38.

<sup>60</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciência de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 69.

<sup>61</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 3.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

Não se deve entender com essa postura “anti-matemática”, como se Hegel deixasse de lado essa ciência, como se ela não expressasse nenhum momento de verdade do conceito. Sabemos como a reflexão sobre a quantidade, por exemplo, é um momento fundamental da realidade conceitual da vida do conceito. Aos seus olhos, o problema é, por outro lado, colocar a matemática como princípio de orientação do pensar e não como um momento constituinte do saber, ou o modo que no próprio processo o conceito mostra a origem de suas próprias determinações.

Como se a análise, que se guia sob o princípio seguro de não-contradição, excluísse qualquer ambiguidade conceitual, deixando o trabalho conceitual impotente ao representar aquilo que tem um caráter fluido, o devir conceitual característico da dialética. A linguagem formal (a capacidade de formalização) seria, deste modo, sinônima da fixação dos objetos que hipostasia o que é da ordem do devir, pois “o que importa aos matemáticos (...) é instituir o formalismo estrito como um meio de controle (...)”<sup>62</sup>.

Temos desta forma, a capacidade semântica gramatical fixa versus a capacidade semântica fluída, que revelaria não só como seu gênero lógico é diferente, mas como a própria capacidade semântica de expressar algo é diversa:

a capacidade semântica da noção matemática é feita por princípio único e distinto: a convenção racional que a fixa tem por efeito a univocidade, ou, se se prefere, a ‘monossemia’ – do instrumento expressivo. Ao contrário, as palavras da linguagem natural são naturalmente providas de uma capacidade semântica mais ou menos múltipla, rica e complexamente organizada que é então lícito ao pensamento jogar tanto de um modo quanto de outro, e com alguma liberdade. A polissemia é a regra<sup>63</sup>.

Quer dizer, há uma incompatibilidade entre o pensamento especulativo e o pensamento matemático. Doz e Dubarle destacam uma oposição da linguagem matemática com a ordinária – é nesta última que encontramos um potencial filosófico: uma polissemia, fluidez e instabilidade, que nos revela como a filosofia não precisa de uma linguagem artificial ou de uma sintaxe não problemática. Ora,

a linguagem natural pode se fazer a expressão viva do pensamento vivente; seu débito e seu desdobramento podem permanecer em conformidade com o fluxo lógico do conceito e o movimento interno do pensamento; sua constituição semântica própria mantém uma certa interioridade de sentidos uns com os outros<sup>64</sup>.

<sup>62</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 56.

<sup>63</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 18.

<sup>64</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, pp. 17-18.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

A matemática seria, por esse caminho, uma espécie de ciência de determinações finitas de grandeza: o número seria uma determinação indiferente, fixa, exterior ao que se coloca em relação, em que cada unidade seria indiferente à outra unidade, sem conexão por interioridade. Diferentemente de uma unidade vivente, de verdadeira totalização conceitual, a matemática reenviaria ao problema da representação como relação exterior entre os termos:

se os conceitos são tomados de tal modo que eles correspondam a tais signos [matemáticos], eles cessam de ser conceitos. Suas determinações não são algo assim morto como os números e as linhas (...); são movimentos vivos; a determinação diferenciada de um dos lados é imediatamente assim interior ao outro<sup>65</sup>.

Poderíamos pensar isso como se tivéssemos dois tipos de entidades: por um lado, o número; fixo, determinado; por outro, o conceito, uma entidade fluída e movente. Doz e Dubarle chegam a dizer de um contraste comparado à vida e à máquina: “(...) a razão é essencialmente o discurso do Conceito, um discurso ordenado e fluido, tão diferente do discurso do entendimento como o ato de um vivente é diferente do funcionamento de uma máquina”<sup>66</sup>.

É desse modo que Hegel afirma que: “o silogismo matemático vale como um axioma na matemática; – como uma proposição primeira, evidente em si e por si, que não seria suscetível nem teria nenhuma necessidade de prova, quer dizer, de nenhuma mediação, nem pressuporia nada de outro nem poderia se deduzir desta”<sup>67</sup>.

Por outro lado, o Conceito é móvel, plástico<sup>68</sup>: “o que seria uma total contradição no caso de números ou de linhas é essencial à natureza do Conceito”<sup>69</sup>.

### A plasticidade do conceito

“Sendo dado que o homem tem a linguagem como meio-de-designação característico da razão, é uma fantasia gratuita [um movimento interior vazio e vão] de querer se inquirir de um tipo-de-

<sup>65</sup> HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981, p. 90.

<sup>66</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 44.

<sup>67</sup> HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981, p. 174.

<sup>68</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 53.

<sup>69</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 90.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

representação menos perfeito e de se fatigar com ele”<sup>70</sup>. É com isso em mente que se deve compreender porque Hegel diz que a língua alemã tem vantagens em relação às outras línguas: ela guarda sentidos opositivos próprios ao pensamento especulativo<sup>71</sup>.

O próprio modo de determinação de algo guarda em si certa oposição de sentido que leva à ultrapassagem de seu limite: “(...) a contradição é precisamente a elevação da razão sobre as limitações do entendimento (...)”<sup>72</sup>. É com satisfação que Hegel se depara com a ambigüidade de sua língua: “para o pensamento especulativo é uma alegria encontrar num idioma palavras que tem em si mesma um sentido especulativo”<sup>73</sup>, “dizendo concretamente aquilo que não pode dizer, tentando explicar os limites da claridade ela mesma”<sup>74</sup>. Ou seja, assim como a palavra alemã *Aufheben*, que significa ao mesmo tempo conservar e superar, ele pode expressar um movimento duplo que nega a si (uma contradição interna) para se superar<sup>75</sup>.

É exatamente esse conceito fluido que torna possível a Hegel propor uma nova gramática, aquela da infinitude: quando diz que uma categoria passa ao seu oposto (seu momento de verdade) e vice-versa, num movimento inquietante, essa unidade de passagem um no outro, carente de firmeza, deve ser superada. Se não fosse superada, essa unidade inquieta cairia naquilo que Hegel denomina de “mal” infinito – um passar perpétuo de um noutro ad infinito<sup>76</sup>, que repete um mesmo movimento sem ser capaz de “libertar” essa unidade.

Ora, aquilo que repousa sob a diferença de um em outro “se contradiz assim mesmo, porque unifica em si algo que opõe a si mesmo; mas uma tal unificação se destrói”<sup>77</sup>, “perece em si mesmo”<sup>78</sup>: dois traços contraditórios, o nascimento e o perecimento – uma hipótese que se autodestrói. É essa unidade carente de firmeza, mas que contém em si, ao mesmo tempo, sua identidade e sua diferença

<sup>70</sup> HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981, p. 91.

<sup>71</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 42.

<sup>72</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 61.

<sup>73</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 138.

<sup>74</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 99.

<sup>75</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 138.

<sup>76</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 193.

<sup>77</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 137.

<sup>78</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 174.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

absoluta, que é superada ao internalizar em si esse movimento inquietante: um agir que se dissolve e se faz um momento do todo<sup>79</sup>.

É a manifestação dessa superação que Hegel denomina de verdadeira infinitude: quando aquilo que é limitado é obrigado a superar a si ao internalizar uma contradição. Ou seja, haveria uma necessidade de contradição que pertence à própria natureza do pensamento que Hegel<sup>80</sup> define como o que é próprio ao pensamento especulativo.

Nesse sentido, toda determinação é, no fundo, uma negação (passa no seu oposto). Uma coisa não está simplesmente em relação consigo mesma, ela nega sua identidade ao se determinar em relação a outro. É isso que Hegel denomina de negação determinada<sup>81</sup>: a única maneira de se pensar num progresso da lógica. Ele reconhece, com isso, que há, nesse movimento, sempre um “novo conceito”, mas

um conceito superior, mais rico que o precedente; porque se há enriquecido com a negação do dito conceito precedente, ou seja, com seu contrário; em consequência o contém, mas contém algo mais que ele, e é a unidade de si mesmo e de seu contrário. Por esse procedimento há de se formar, em geral, o sistema dos conceitos e completar-se por um curso incessante, puro, sem introduzir nada do exterior<sup>82</sup>.

### Uma lógica imanente dos objetos da experiência

Um conceito superior que parece seguir, na *Wissenschaft der Logik*, uma tentativa de dar forma ou expressar uma lógica imanente dos objetos da experiência<sup>83</sup> que fosse capaz de apreender a plasticidade imanente das coisas. Adorno é claro nesse sentido: “as coisas falam elas mesmas numa filosofia que se faz vigorosa em provar que ela mesma se faz uma com as coisas”<sup>84</sup>; mais à frente,

<sup>79</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000, § 54.

<sup>80</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 74. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000, §§ 56-57.

<sup>81</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 71. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000, § 59.

<sup>82</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 71.

<sup>83</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 39.

<sup>84</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 16.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

complementa: “o trabalho do filósofo não tem no fundo outro objetivo senão de conduzir à linguagem aquilo que, nas coisas mesmas, estão em operação (...)”<sup>85</sup>.

É exatamente essa a questão, isso que está em operação nas coisas, em razão de sua própria natureza, que a matemática seria incapaz de fornecer ao discurso filosófico, segundo Hegel: fornecer as condições para que se manifeste a infinitude, pois “o imperativo da claridade reivindica em vão da linguagem (...) qualquer coisa que ela não pode conceder na imediatez das palavras e proposições que a constitui (...)”<sup>86</sup>. Ou seja, aquilo que é próprio à experiência do conhecimento, aquele movimento ou inquietude imediata de incompatíveis é o que a analítica não consegue apreender: algo que só mostra sua verdade ao passar ao seu oposto<sup>87</sup>.

A linguagem matemática é assim, aos olhos hegelianos, morta, “porque não se move, não chega à diferença da essência nem à oposição essencial ou à desigualdade – e, portanto à passagem do oposto no oposto – nem à passagem qualitativa, imanente; e nem ao auto-movimento”<sup>88</sup>.

No fim das contas, Hegel quer com isso afirmar que a matemática clarifica/mistifica aquilo que só pode aparecer de modo fluido<sup>89</sup>: é só quando há fracasso na apreensão do conteúdo, que se manifesta o que é da ordem da essência dos objetos, como se o fracasso fizesse parte dessa experiência. Por isso a gramática da matemática é, para o filósofo, um modo defeituoso de pensar<sup>90</sup>, um calcular desprovido de conceito, fundado sob determinações quantitativas de igualdade vazia. Hegel estaria, portanto, como que desafiando a matemática, chegando a dizer que os matemáticos se surpreenderão ao ler a *Wissenschaft der Logik*<sup>91</sup>: será mesmo que todas as experiências podem ser colocadas de modo claro? Diante disto, podemos tomar essa nota de Adorno:

a clareza e a distinção têm por modelo uma consciência reificada do objeto. (...) [Uma vez que,] se se reconhece, em compensação, que a claridade e a distinção não são simplesmente propriedades do dado, nem ele mesmo um dado, não é mais possível continuar a julgar a dignidade do conhecimento se apoiando sobre a claridade e a univocidade que eles podem, cada um, apresentar em particular<sup>92</sup>.

<sup>85</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, pp. 29-30.

<sup>86</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 104.

<sup>87</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 118. HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981, p. 87.

<sup>88</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000, § 45.

<sup>89</sup> HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981, pp. 85-86.

<sup>90</sup> HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981, p. 355.

<sup>91</sup> HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982, p. 52.

<sup>92</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 98.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

Como se houvesse [como continua Safatle] certos objetos que só podem ser apreendidos através de uma torção da língua, através de uma experiência de fracasso reiterado de posição de determinações conceituais. (...) A apreensão conceitual dos objetos da experiência exige uma compreensão especulativa da estrutura proposicional que nada tem a ver com exigências abstratas de clareza<sup>93</sup>.

### A modernidade como problema...

É claro que pensadores como Doz e Dubarle podem problematizar essa questão: será que a matemática contemporânea não daria conta da perspectiva da infinitude que apontava Hegel? Sem dúvida, é legítimo pensar a partir das novas matemáticas e, talvez, mesmo concluir, a partir de hoje, o que Hegel não teria percebido: “(...) a linguagem matemática é para o homem um instrumento finalmente inelutável de toda a racionalidade a qual ele pode tomar”<sup>94</sup>. Ou poderíamos ainda seguir as ciências físicas modernas, acompanhando Bachelard, para quem a matemática é, literalmente, não só a linguagem dessa ciência (sua própria teoria), como pode até mesmo criar novas possibilidades à ontologia.

A questão que tentei travar aqui não gira em torno dessas novas possibilidades, mas no modo em que Hegel tomou como tarefa partir dos impasses de sua época, não podendo se apoiar em fundamentos outros, se não naqueles impostos pela modernidade. Mais ainda: partindo de uma possibilidade de repensar esses impasses a partir do próprio modo que a gramática filosófica naturalizada nos modos de pensar se impunha ao espaço social moderno, sem com isso se filiar ao “modo fácil de pensar” como a matemática<sup>95</sup>.

Vale lembrar como Hegel diagnosticava em sua época como o Espírito

não somente está perdida para ele sua vida essencial; está também consciente dessa perda e da finitude que é seu conteúdo. [Como o filho pródigo], rejeitando os restos da comida, confessando sua abjeção e maldizendo-a, o espírito agora exige da filosofia não tanto o saber o que ele é, quanto resgatar, por meio dela, aquela substancialidade e densidade do ser [que tinha perdido]<sup>96</sup>.

<sup>93</sup> Notas de aula do curso ministrado pelo prof. Dr. Vladimir Safatle na USP, 2005.

<sup>94</sup> DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972, p. 59.

<sup>95</sup> ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003, p. 100.

<sup>96</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000, § 7.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo Hegel

O que nos leva a concluir, levando a sério esta bela passagem de Habermas: “Hegel não é o primeiro filósofo que pertence à idade moderna, mas ele foi o primeiro para a qual a modernidade se tornou um problema”<sup>97</sup>.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *Trois études sur Hegel*. Traduit par le séminaire de traduction du Collège de Philosophie. Paris: Payot, 2003.

BRANDON, Robert B. “Some Pragmatist Themes in Hegel’s Idealism”. In: \_\_\_\_\_. *Tales of the Mighty Dead – Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. London: Harvard University Press, 2002.

DOZ, André. *La Logique de Hegel et les Problèmes Traditionnels de l’Ontologie*. Paris: Vrin, 1987.

DOZ, André; DUBARLE, Dominique. *Logique et Dialectique*. Paris: Larousse, 1972.

HABERMAS Jürgen. “Hegel’s Concept of Modernity”. In: \_\_\_\_\_. *The Philosophical Discourse of Modernity*. Translated by Frederick G. Lawrwnce. Massachusetts: MIT Press Cambridge, 1993.

HEGEL, G.W.F. *Ciencia de la Lógica – Primera parte*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Ediciones Solar, 1982.

\_\_\_\_\_. *Science de la Logique – Deuxième tome*. Traduction de P.-J. Labarrière et Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier, 1981.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia do Espírito – parte I*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia do Espírito – parte II*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, 1999.

HYPPOLITE, Jean. “IV – Hegel”. In: \_\_\_\_\_. *Figures de la Pensée Philosophique*. Paris: PUF, 1991.

KANT, Emmanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. “Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia”. In: *Escritos pré-críticos*. Tradução de Vinicius de Figueiredo e Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Manual dos cursos de Lógica Geral*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Uberlândia: Edufu, 2002.

KOYRÉ, Alexandre. “Notes sur la Langue et la Terminologie Hégéliennes”. In: \_\_\_\_\_. *Études d’Histoire de la Pensée Philosophique*. Paris: Galimard, 1971.

LEBRUN, Gerard. *La Patience du Concept – Essai sur le Discours hégélien*. Paris: Gallimard, 2006.

PINKARD, Terry. *Hegel’s Phenomenology – The Sociality of Reason*. New York: Cambridge University Press, 2005.

<sup>97</sup> HABERMAS Jürgen. Hegel’s Concept of Modernity. In: \_\_\_\_\_. *The Philosophical Discourse of Modernity*. Translated by Frederick G. Lawrwnce. Massachusetts: MIT Press Cambridge, 1993, p. 43.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

---

Uma Nova Gramática – Sobre as Relações entre Linguagem Filosófica e seus Impasses segundo  
Hegel

SAFATLE, Vladimir. Cinismo e Falência da Crítica. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. “Linguagem e negação: sobre as relações entre pragmática e ontologia em Hegel”. Dois Pontos. São Carlos: vol. 3, n 1, abril, 2006.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.3 – Nº. 1	Junho 2010	p. 3-15
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------